

FOME, LAMA E CAOS: A PRESENÇA DOS HOMENS-CARANGUEJO NO ESTUÁRIO POÉTICO DE CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI

George Antonio Correia Feitosa¹
Edson Soares Martins²

RESUMO: Com o lançamento de *Da lama ao caos* (1994), álbum de estreia da banda recifense Chico Science & Nação Zumbi, a ascensão artística do movimento Manguebit expôs amplamente sua proposta interestética de aproximar harmonicamente diferentes expressões artísticas. Chico Science, valendo-se desta proposta, constrói o conceito dos Homens-caranguejo, com base na obra *Homens e caranguejos* (1967), do também recifense Josué de Castro, para complementar a atmosfera plural de sua música. Pretendemos aqui explorar essa aproximação entre Science e Castro, procurando identificar e analisar suas referências, valendo-nos da visão bakhtiniana presente em “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (2010) e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais / Mikhail Bakhtin* (1987).

PALAVRAS-CHAVE: Chico Science & Nação Zumbi; Manguebit; Josué de Castro; Homens e caranguejos; Lama; Caos.

HUNGER, MUD AND CHAOS: THE PRESENCE OF CRAB-MEN IN THE POETIC ESTUARY OF CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI

ABSTRACT: After the release of *Da Lama ao Chaos* (1994), the debut album by the band Chico Science & Nação Zumbi, from Recife, the artistic rise of the Manguebit movement broadly exposed its interestetic proposal of harmonically bringing together different artistic expressions. Chico Science, using this proposal, builds the concept of the Crab-men, based on the work *Homens e caranguejos* (1967), by Josué de Castro, also from Recife, to complement the plural atmosphere of his music. We intend here to explore this approximation between Science and Castro, seeking to identify and analyze their references, drawing on the bakhtinian view present in “The problem of content, material and form in literary creation” (2010) and *Popular culture in the Middle Ages and in Renaissance: the context of François Rabelais / Mikhail Bakhtin* (1987).

KEYWORDS: Chico Science & Nação Zumbi; Manguebit; Josué de Castro; Homens e caranguejos; Mud; Chaos.

¹ Graduando no curso de Letras - Licenciatura em língua portuguesa e inglesa com respectivas literaturas pela Universidade Regional do Cariri e bolsista de iniciação científica do CNPq na pesquisa “Estigma e identidade na canção brasileira: Nação Zumbi e Mundo Livre S/A”. E-mail: george.antonio@urca.br.

² Possui doutorado (2010) em Letras pela Universidade Federal da Paraíba PPGL). Concluiu estágio pós-doutoral junto ao PROLING-UFPB. Atualmente é Professor Associado (Referência O) de Literatura Brasileira, na Universidade Regional do Cariri (URCA) e professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras, na mesma IES, sendo o atual coordenador do curso. Tem experiência na área de Literatura, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, poesia, conto oral popular, além de estudar, à luz da contribuição teórica bakhtiniana, a narrativa curta moderna e contemporânea e as formas da estética oral popular. E-mail: edson.soares@urca.br.

Introdução

O lançamento de *Da lama ao caos* em 1994 trouxe à luz o projeto interestético³ do poeta e cantor Chico Science à frente da banda Nação Zumbi, cuja rotina colaborativa somava anos – desde o seu primeiro projeto, intitulado *Lousta!* – e, naquele momento, já adquiria uma consistência histórica e perceptível na multifacetada cena cultural recifense. Sua proposta ousada, vinculada ao discurso manguebit, expressava publicamente pela primeira vez o acervo estético de Science & Nação, que englobava uma variedade extensa de influências tradicionais da cultura pernambucana e nordestina, reunindo a poesia e a música popular e mesclando-as a influências da música popular moderna como o RAP, o Rock e o Funk norte-americano. As atividades coletivas do Manguebit – que variavam entre fotografia, cinema, música, literatura e hip-hop, entre outras possibilidades artísticas – defendiam a busca por uma renovação identitária, por meio da valorização e difusão das expressões estéticas urbanas e modernas, aliada à manutenção e à defesa dos valores artístico-culturais tradicionais. A ordem era de mudança, tão louvável quanto ousada, e dependente de esforço considerável e arriscado.

A atmosfera caótica da realidade social e urbana recifense provocou, aos poucos, a indignação pública. A capital pernambucana se encontrava inerte política e economicamente, apresentando declínio em seu desenvolvimento e distribuição de renda e aumento constante da pobreza e da miséria de sua população. A contribuição da nova geração logo encontraria voz nas expressões artísticas em diferentes campos. Foi publicado no *Jornal do Commercio* em 1991 o texto *Caranguejos com cérebro*, assinado por Fred Zero Quatro, dando vazão às ideias do grupo de artistas da cena periférica. O texto explicitava as motivações e detalhava as intenções de articular e formalizar sua proposta: a conquista de uma nova identidade cultural a partir do diálogo com os valores tradicionais, aliada às novas manifestações urbanas e modernas. Dessa união, propunha-se valer-se da assimilação total e absoluta de qualquer conteúdo, positivo ou negativo, benigno ou maligno, no intuito de forjar e expressar esta nova identidade. Foram escolhidos como símbolos o mangue, o caranguejo e a antena parabólica; tudo para construir uma nova ordem estética para a cultura recifense. O texto de Zero Quatro, então, foi adotado mais tarde como *Manifesto Manguebit* e captou este conceito intelectual atual, dando a ele o impulso final rumo à materialização do movimento.

A obra interestética de Chico Science & Nação Zumbi abrigou confortavelmente os valores da estética manguebit, promovendo uma intertextualidade que envolvia música, discurso e poesia. Percebemos aí uma relação que, ao nosso ver, não só foi promovida de forma harmônica, como necessária, para conferir a esta obra a riqueza que lhe é notória.

Ao identificarmos a presença dos elementos Poesia, RAP e Música – a qual se compõe de variáveis como Rock, Samba e Maracatu –, reconhecemos no álbum *Da lama ao caos*, sua intenção de posicionar axiologicamente, nos termos em que Bakhtin se refere à atitude valorativa do sujeito do discurso, cada elemento desse projeto interestético e dar a

³ Entendemos por “interesteticidade” a dinâmica intercambiável formal e discursiva entre gêneros artísticos. Levemente diferentes, mas associáveis, a “multiesteticidade”, e também a “pluriesteticidade” se relacionam a este campo semântico. Optamos por uniformizar, no texto, as referências a essa dinâmica, utilizando “interestético” e suas variantes.

eles suas devidas funções, integrando e complementando uns aos outros. Essa proposta se converte em uma atmosfera estético-discursiva fértil e convidativa da poética popular. Tal proximidade, a nosso ver, confere à sua dimensão verbal um caráter mais literário do que musical, cujos elementos servem de base na elaboração rítmico-poética de Science. Essa vibração expressa constantemente a procura por uma forma mais criativa e moderna de se referir a essas bases, ou seja, o uso da forma RAP, cuja arquitetura, reconhecemos, apresenta uma proximidade maior com a oralidade e as formas híbridas que esta assume com discursos artísticos da tradição da escrita, como trataremos mais adiante.

Poética e discursivamente, Science traz novamente para perto não apenas as expressões tradicionais e dominantes na cultura popular, mas também uma visão caótica e pessimista da sociedade. A cidade e o mangue são as atmosferas que conflitam semanticamente e provocam efeitos reflexivos. Se por um lado, a realidade urbana traz figurações científicas e tecnológicas identificadas nas imagens da vida cotidiana, a fome – problema recorrente nas cidades brasileiras, principalmente nas grandes metrópoles – é alinhada e criticada. Ambas as visões são tomadas como objetos de reflexão a partir dos quais Science & Nação extrairão suas marcas estéticas.

O caos, encarado por Science como objeto potencial estético, é explorado na esfera poética. Representando a realidade diversificada e desordenada da cidade, o caos é posto em face de certa organicidade hierárquica e arbitrária. Tais elementos referenciam os estudos acerca dos sistemas que compõem e ordenam a natureza, e em que estas características refletem um sistema caótico (ou não) integrado por elementos funcionais e que trabalham para um funcionamento natural que opera por trás de um todo aparentemente ordenado: os trabalhadores, os políticos, os prédios.

A obra literária do escritor Josué de Castro integra de forma relevante esse universo criado por Science ao trazer um de seus elementos principais: a fome. Sua obra, *Homens e caranguejos* (1967) acrescenta à visão caótica de Science uma impressão distópica e pessimista a respeito dos problemas socio-urbanos de Recife, mesmo que também encarando essas impressões como atributos que conferem à sociedade uma diversidade orgânica, que integra a “ordem desorganizada” urbana. Em seu romance, Castro descreve-a como produto da descoberta que fez “[...] da fome nos [...] anos de infância, nos alagados da cidade do Recife, [...] com os afogados deste mar de miséria.” (1967, p. 12) e explora a fome e seu “estranho mimetismo” (p. 13): os homens e os caranguejos; a cidade e a lama. Em seu romance, Castro escreve sobre os cidadãos recifenses, “parados como os caranguejos na beira d’água ou caminhando para trás como caminham os caranguejos” (1967, p. 13), submetidos a um cotidiano duro e de fortuna incerta, que envolvia o contraste social e a realidade de uma cidade de população pobre e faminta, a partir da qual ele explora essa relação simbólica.

Esse contexto será explorado não apenas como realidade pernambucana, mas brasileira. Tendo como referência a obra de Josué de Castro – mais especificamente, o prefácio intitulado “Prefácio um tanto gordo para um romance um tanto magro” – em que a relação entre os Homens e os caranguejos é simbiótica e “mimética” (CASTRO, 1967) e considerando sua intenção de refletir sobre o ser humano e a fome, pretendemos explorar, por meio da análise das canções, o uso que Science faz dessas referências e de suas imagens conflitantes: os homens e os caranguejos; a lama e a cidade.

Por considerarmos-as centrais não apenas para o debate exposto por Science como também para o seu todo conceitual e discursivo refletidos no álbum *Da lama ao caos*, concentraremos nosso olhar especificamente nas faixas “A cidade” e “Da lama ao caos”, procurando identificar nelas as referências à obra de Castro, a natureza dos conflitos e, por fim, explorar suas ramificações semânticas. Utilizaremos, para tanto, algumas contribuições da visão bakhtiniana centradas na elaboração poética e na arquitetônica.

Os homens-caranguejo

Para Bakhtin, a metáfora é um elemento relacional da palavra; ela está baseada “[...] na inter-relação e na afinidade emocional-volitiva das palavras” (2010, p. 65). Admitindo essa assertiva, iniciamos pela proposição de que lama e caos se relacionam intimamente com suas fontes originais para construir outro sentido a partir do (con)texto em que estão inseridos: a metrópole recifense e seu estuário. Essa ligação torna possível a exploração poética de uma nova significação a partir de sua origem semântica:

a metáfora e a comparação também pressupõem uma unidade e uma ligação objetais possíveis, e a unidade do acontecimento ético, em cuja base percebe-se sua atividade criadora: a metáfora e a comparação englobam uma orientação ético-cognitiva persistente, a avaliação nelas expressa transforma-se num objeto ativamente formador, e o desreifica. Abstraída do sentimento de uma atividade do autor, ligadora e formadora, a metáfora perece, isto é, deixa de ser metáfora poética, ou se torna um mito. (BAKHTIN, 2010, p. 65)

As palavras *lama* e *caos* estão entre as imagens simbólicas que compõem o campo estético proposto pelo Manguebit e alimentam o universo poético de Science em *Da lama ao caos*. A *lama*, representando o mangue, e o *caos* – ou seja, a cidade, – atuam de forma metafórica no campo semântico explorado pelo olindense, cujo par contrastivo (o ecossistema e a metrópole), ao mesmo tempo em que se opõe em seus termos internos, relaciona-se, direta e indiretamente, construindo não só o plano metafórico e polissêmico do seu discurso, como parece também determinar a base desta obra. A exemplo da imagem-símbolo de uma antena parabólica enfiada na lama, proposta anteriormente por Zero Quatro em 1991, as imagens de Science também conotam um sentido similar, ambos transitando e relacionando-se paralelamente no mesmo campo semântico e significativo. De onde provêm as bases de sua atitude avaliativa, sem a qual a metáfora poética pareceria um dado universalmente aceito e incapaz de pôr em questão o problema da linguagem?

A presença constante de referências a Josué de Castro, constituindo uma das possíveis respostas à indagação que acabamos de apresentar, dá-se em concordância com as influências incorporadas por Science. A sua construção poética se fundamenta fortemente na relação Homem/caranguejo, a mesma construída por Castro em seu *Homens e caranguejos*. O romancista constrói e explora essa relação, representando nela a imagem deste “estranho mimetismo”, em que se encontram

[...] os homens se assemelhando, em tudo, aos caranguejos, arrastando-se, agachando-se como os caranguejos para poderem sobreviver. Parados como os caranguejos na beira d'água ou caminhando para trás como caminham os caranguejos. (CASTRO, 1967, p. 13)

O Homem e o caranguejo de Science são os mesmos de Castro. Sua presença pode ser ainda percebida em *Morte e vida severina* de João Cabral de Melo Neto. Science utiliza esta visão, vinculada à ancestralidade poética de Cabral e Castro, para construir sua própria atmosfera contrastiva, a sociedade “dos homens habitantes dos mangues, irmãos de leite dos caranguejos” (CASTRO, 1967, p. 16), o mundo das crianças que aprenderão “a caminhar/ na lama, como goiamuns” (MELO NETO, 2007, p. 128). “Da lama ao caos” traz esse conceito para tratar da fome, como Josué de Castro e João Cabral, a qual devora “os homens e os caranguejos todos atolados na lama.” (CASTRO, 1967, p. 18) e que ensina

“a caçar:/ primeiro, com as galinhas, / que é catando pelo chão/ tudo o que cheira a comida / depois, aprenderá com / outras espécies de bichos: / com os porcos nos monturos, / com os cachorros no lixo.” (MELO NETO, 2007, p. 128).

O olhar crítico de Science, diretamente relacionado com o ambiente urbano e seus problemas, contempla, naturalmente, a fome. A imagem-símbolo do caranguejo, por meio do uso do animal – fonte de alimento humano, mas também predador natural do manguezal – revela a intenção de identificar poético-visualmente essa cadeia alimentar, em que o mangue é, ao mesmo tempo, fonte tradicional de alimento para ambos e seu habitat natural. O mesmo se aplica à cidade, versada e narrada como símbolo relacionado ao humano, animal natural do reino urbano e habitante deste organismo hostil, em que ele vive e sobrevive, na busca diária pelo alimento.

A população, representada nas figuras do ser humano e do caranguejo, e também nas do aratu e do gabiru, explicitam a movimentação dos habitantes urbanos em busca de alimento. O “roubo” e a “barriga vazia” refletem a atividade de uma consciência criadora, que se manifesta em todas as canções do álbum. Sobre isso, devemos ainda considerar a referência ao escritor pernambucano Josué de Castro, referenciado em uma ocorrência direta e literal nos versos de Science:

[...]
O sol queimou, queimou, a lama do rio
Eu vi o xié andando devagar
Vi um aratu pra lá e pra cá
Vi um caranguejo andando pro sul
Saiu do mangue e virou gabiru
Ô *Josué*, nunca vi tamanha desgraça
Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça
Peguei um balaio, fui na feira roubar tomate e cebola
la passando uma velha e pegou a minha cenoura

Aê minha véia, deixa a cenoura aqui
Com a barriga vazia não consigo dormir
E com o bucho mais cheio, comecei a pensar
Que eu me organizando posso desorganizar
[...]
(SCIENCE, 1994, Faixa 6)

A estética manguebit, tão empenhada em expressar a relação *cidade/mangue* e que adota a intertextualidade como conteúdo para sua materialidade desde seu nascedouro, é incorporada por Science, que se utiliza do vocativo como menção direta a Josué de Castro. Ao versar e refletir sobre a fome, utiliza-se da intertextualidade para construir uma estrofe caracterizada pelo uso de termos referentes às relações cotidianas da “lida” diária pela sobrevivência urbana. Em termos poéticos, o uso direto de nomes de animais, oxítonos, favorecem a musicalidade e a métrica dos versos e sua relação com a música, ao passo que intensificam a relação semântica entre o problema da fome e suas consequências, que o leitor atento também será capaz de encontrar em “O urubu mobilizado” (2008), de João Cabral.

Destaca-se, ao compararmos os três períodos (1967, 1994 e 2021), seja na Recife de Castro, na de Science ou na dos dias atuais, a permanência do mesmo quadro social problemático: o quadro da miséria. A sociedade recifense apresentava e apresenta até hoje esse quadro polarizado e desigual, composto por uma camada hegemônica e econômica e estruturalmente estável, e outra camada desprivilegiada e miserável. Para o escritor pernambucano, está aí a sociedade dos mangues,

[...] uma sociedade imprensada entre essas duas estruturas esmagantes. É uma sociedade que, comprimida pelas duas outras, escorre como uma lama social na cuba dos alagados do Recife, misturando-se com o caldo grosso da lama dos mangues. (CASTRO, 1967, p. 16)

Os problemas relacionados ao contraste violento entre a pobreza e a alta concentração de renda na cidade de Recife, presentes na poesia de Science, também acompanharam os tempos de Castro. Ele identifica neles essa relação “mimética” e a explora para prosar sobre a fome, descrevendo-a como elemento natural e familiar para a população recifense. Castro recorre a memórias de infância para ilustrar a fome como ideia obsessiva para os recifenses e o alimento como objeto de constante desejo, em que na “[...] aparente placidez do charco desenrola-se trágico e silencioso o ciclo do caranguejo. O ciclo da fome devorando os homens e os caranguejos todos atolados na lama.” (CASTRO, 1967, p. 29)

Essas relações são metafóricas – portanto, ético-cognitivamente orientadas, dotadas de atitude axiológica que não reifica os temas da fome, da pobreza – e servem a uma intenção estilística nos versos da canção, cuja base de construção do sentido é centrada em oposições: o alto e o baixo, a pobreza e a riqueza, a lama e o concreto... Tais antíteses, contudo, guardam também a atração entre seus diferentes polos. Uma dimensão simbiótica e criadora, como quando surge o *Homem-caranguejo*, ou o *Mangueboy*. Como que se alimentando mutuamente, a lama/natureza e o caos/cidade também mantêm essa relação, sempre

axiológica. A lama surge como elemento agregador ao se articular, lado a lado, numa relação de antítese, com o caos. É a lama como ambiente natural, rico, diverso e renovador, mas sob a sombra do caos da selva de concreto.

O caos

Como dissemos anteriormente, a antena parabólica enfiada na lama, de Zero Quatro (2013), e as imagens de Science se aproximam. As duas metáforas visuais atuam no trânsito e na relação de dimensões pertencentes a um mesmo campo semântico e significativo: a aproximação entre o mundo natural e o tecnológico (ou o científico). Simbiotizadas e enraizadas, a ciência e a tecnologia se tornam campos férteis na poética manguabit – a exemplo de seu amparo técnico e musical – e são explorados esteticamente, funcionalizados musical, visual e poeticamente.

Estrangeirismos e cientificismos habitam essa poética, por meio de hibridismos e neologismos. Termos como *bit* ou *drive* são eventualmente incorporados e têm seu significado habitual subvertido, dando origem a composições e derivações (como “mangueboy” ou “manguetown”), ou empréstimos linguísticos (como “overdrive”). Os neologismos, como exemplificado anteriormente, também propagam a marca interestética, tão valorizada no manguabit, como “afrociberdelia”, que se refere à obra *Fundação*, de Isaac Asimov.

Em 1991, Zero Quatro cita a Teoria do Caos como uma das referências para a estética manguabit. É o momento em que os estudos científicos sobre os sistemas de comportamento caótico ascendiam, no decorrer dos anos 1990, passando a envolver diferentes campos de estudo, como a tecnologia e a informática – também assimiladas por Science nas letras de Nação Zumbi. Science incorpora esse termo (caos) desde o título, extraindo dele diferentes efeitos de sentido em sua poesia e imaginando a cidade como esta entidade viva e orgânica, repleta de uma complexidade desordenada, ou seja, caótica. Gleick (1989) aponta as pesquisas de Edward Lorenz na década de 1960 como o marco inicial no desenvolvimento dos estudos sobre desordem e caos. Para Barbosa e Crispim (2005, p. 2), estes sistemas complexos regem uma composição ordenada, mas também caótica, que é o sistema natural das coisas, compostos por elementos “dinâmicos, não lineares e instáveis”, que se auto-organizam a todo instante, apresentam padrões comportamentais e formam, assim, “a maioria dos sistemas encontrados na natureza e nas sociedades”. Barbosa e Crispim citam ainda Capra (1998), Gleick (1989) e Oliveira (1993) para afirmar que a teoria dos sistemas dinâmicos

[...] teve seu maior desenvolvimento muito recentemente, mas seus fundamentos estão nos trabalhos do matemático francês Jules Henri Poincaré (1854 – 1912), no fim do século XIX. Poincaré foi o precursor dos estudos sobre sistemas de comportamento caótico (desorganizado), não periódico e irregular. Mas, foi nas décadas de 1960 e 1970, a partir do desenvolvimento de poderosos computadores, que a teoria dos sistemas não-lineares, ou complexos, torna-se uma área de pesquisa em franca ascensão ligada a diversos

campos tradicionais da ciência: matemática, informática, física, química, biologia, sismologia, ecologia, economia, sociologia entre outros. (BARBOSA; CRISPIM, 2005, p. 2)

Na faixa “Da lama ao caos”, identifica-se mais claramente a ampla exploração desses sentidos referentes à *lama* e ao *caos*. Vemos isto nos versos da canção, cuja “desorganização como caminho para a organização” (1994) ilustra a imagem do caos como origem, mas também como recomeço. A desorganização é um movimento dominador que tudo rege, para, assim, nos remeter diretamente à noção de que a realidade “[...] funciona como um conjunto de sistemas complexos se movendo auto-organizadamente”. (BARBOSA; CRISPIM, 2005, p. 3):

[...]

E com o bucho mais cheio, comecei a pensar
Que eu me organizando posso desorganizar
(SCIENCE, 1994, Faixa 6)

O recifense comum nos traz essa identificação. Uma vez posto o indivíduo sob a perspectiva da parcela pobre, operária e desprivilegiada da população, identificamos a narrativa que quer enfatizar o cidadão pobre como membro essencial dessa realidade urbana. Apesar de ignorado e abandonado, estrutural e economicamente, ele ocupa essa função orgânica e necessária. Ele caminha sob prédios que expõem essa contradição: o cidadão urbano constrói e integra esse sistema, mesmo ignorado por ele.

A cidade

A imagem da cidade como selva não é totalmente original e já foi explorada antes, mas, em *Da lama ao caos*, essa representação alcança outro aprofundamento. Como dito antes, a relação mangue/cidade é paralela à relação lama/caos e ocupa o topo da “semiosfera” do álbum. Nele, os edifícios são “pedras evoluídas” (SCIENCE, 1994) e *habitat* do elemento humano, representado como elemento vivo e ativo desse organismo urbano, vivendo sob o sistema complexo da vida e lutando para sobreviver aos perigos naturais dessa “selva”. O cidadão recifense não é visto aqui apenas como um elemento estranho que enfrenta os perigos do ambiente hostil da cidade grande, mas como parte deste ambiente; ele a alimenta e a constrói, ao mesmo tempo em que se alimenta e é construído por ela. Neste ambiente hostil, o indivíduo relaciona-se ainda com um terceiro elemento, o caranguejo.

A cidade – relacionada a Recife, mas também, naturalmente, à civilização urbana como um todo – se apresenta como o “centro das ambições”, onde

O sol nasce e ilumina
As pedras evoluídas
Que cresceram com a força
De pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam
Vigiando as pessoas

Não importa se são ruins
Nem importa se são boas
E a cidade se apresenta
Centro das ambições
Para mendigos ou ricos
E outras armações
Coletivos, automóveis,
Motos e metrô
Trabalhadores, patrões,
Policiais, camelôs
[...]
(SCIENCE, 1994, Faixa 3)

Na cidade, encontra-se a dinâmica caótica do cotidiano urbano: os prédios, os carros, as ruas e as pessoas. Ao alvorecer, o ciclo da dinâmica urbana se reinicia e se mostra iluminado pelo novo dia, ilustrado na paisagem composta pelos prédios, construídos com a força da mão de operários sob o risco diário dos perigos físicos e da morte, e os policiais, vigiando as pessoas, “não importa se são ruins, não importa se são boas” (Chico Science & Nação Zumbi, 1994, Faixa 3).

Materializada substantivamente na imagem do caos, Science vê essa “ordem desordenada” da cidade como face inerente ao ambiente natural do *Homem-caranguejo*, tal qual a lama e a selva para o *Caranguejo-homem*, vistos aqui como irmãos ou análogos da “natureza urbana”. A cidade de Science, construída sistematicamente e que tem sua face (des)organizada, também ocupa seu espaço geográfico e biológico, harmonizando-se com a natureza.

O sentido vertical do refrão reflete, sob vários aspectos, o direcionamento/posicionamento hierárquico das classes urbanas modernas, em que estas são identificadas quanto aos seus papéis e às suas funções e, não obstante, direcionadas dinamicamente no sistema social por meio de sua mecânica urbana e social. Tais funções são vistas e construídas de forma orgânica e natural. Vivemos sob a égide de uma sociedade capitalista que, ao mesmo tempo em que toma oportunidades, também parece oferecê-las. Paralelo à cadeia alimentar da natureza, o trabalho diário que move o dia da cidade e de seus habitantes promove essa oscilação vertical, ou a alimenta:

[...]
A cidade não para
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
[...]
(SCIENCE, 1994, Faixa 3)

Cumpra também relacionar esse direcionamento vertical com o apontamento topográfico da cidade, que se encontra, descrita e narrada, como centro desta dinâmica urbana, ocupada, centralmente, pelo Homem-caranguejo, que tem função fundamental nesse sistema. Para ele, a cidade é um organismo vivo, evolutivo, em constante crescimento,

organizada e desorganizadamente. É sobre ela que repousa o olhar de Science. A população, por sua vez, é elemento que integra esse organismo, como que plasmado em sua corrente sanguínea; cumprindo sua função passivo-ativa diária de alimentar a cidade.

O sentido vertical expresso em “A cidade” também está diretamente relacionado com o riso popular e os festivos carnavalescos do mundo da cultura. A música de Chico Science & Nação Zumbi se relaciona intimamente com essa face da cultura. Sua intenção estética aponta essas diferenças de classe e as aproxima, numa atmosfera carnavalesca que expõe as “relações hierárquicas entre os indivíduos” (BAKHTIN, 1987, p. 9) e dá a elas o “caráter universal”.

O organismo urbano, todos sabemos, também pulsa expressividade cultural. A lida ocupa um espaço considerável no cotidiano diário, mas o povo também encontra tempo para expressar sua identidade. Festejos populares, como o carnaval, são palcos para as diferentes formas de expressão cultural que, invariavelmente, tornam-se também partes constitutivas da sociedade. É por meio do riso popular que o povo exorciza suas angústias, transformando-as em celebração da vida e da natureza. Os ritos carnavalescos, para Bakhtin (1987, p. 5), não apenas têm relação com o cotidiano, mas com toda a dimensão da vivência humana, com a vida e também com a natureza. É o jeito popular de ver o mundo e representar a vida. Sobre isso, o teórico russo considera que

[...] o carnaval, não é de maneira alguma, a forma puramente artística do espetáculo teatral e, de forma geral, não entra no domínio da arte. Ele se situa nas fronteiras entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação. (BAKHTIN, 1987, p. 6)

Bakhtin, cumpre apontar, teoriza em seu estudo acerca dos ritos carnavalescos e do riso popular na Idade Média e no Renascimento, ou seja, um contexto especificamente europeu. Todavia, entendemos que tais características identificadas pelo russo são também sintomáticas na cultura popular nordestina e recifense, mesmo que manifestadas sob um diferente contexto e em outra temporalidade. Os festejos populares representam uma parcela considerável da expressão do povo brasileiro e de sua cultura. Seja na Europa medieval ou na renascentista, ou ainda, no Brasil de Castro ou no de Science, o riso, os festejos, o grotesco e o carnaval são fortes atributos da expressão popular; eles veiculam o desejo pela libertação e pela vida por meio de seu caráter utópico e universal. Tendo em vista a proximidade da estética manguebit com as expressões da cultura periférica, identificamos nela reflexos de face carnavalesca, absorvidas e performadas por Science e por Nação.

Considerações finais

O mangue e os seus habitantes, “primeiros conquistadores” (CASTRO, 1967, p. 14) da terra, e a “sociedade do mangue” (CASTRO, 1967) são palcos do drama diário e da estrutura tão dissecada, mas também vista por Science & Nação com atenção e complexidade, com a dramaticidade da consciência de pertencimento e de empenho na atitude crítica. Ela é seu ambiente natural e também sua origem, sejam para os Homens-caranguejo ou para os Mangueboys.

Ao poetizar a fome, Science retoma os *homens* e os *caranguejos* de Castro para transformá-los em Homens-caranguejo, esses seres modernizados sim, mas não tão diferentes dos familiares a Castro (1967), que também eram “anfíbios” e integravam uma sociedade que, “economicamente”, também era

[...] anfíbia, pois que vegeta nas margens ou bordas de duas estruturas econômicas que a história até hoje não costurou num mesmo tecido: a estrutura agrária feudal e a estrutura capitalista. Estruturas que persistem no Nordeste do Brasil, lado a lado sem se fundirem, sem se integrarem até hoje num mesmo tipo de civilização. (CASTRO, 1967, p. 16)

Os problemas políticos e sociais, seja para Castro ou para Science – ou mesmo para a Nação Zumbi, que com a posterior ausência de Science, ainda voltaria a explorar esse campo poético mais tarde – não são, obviamente, traços identitários e exclusivos de Recife, mas problemas reconhecíveis em todo o Brasil. O cantor pernambucano os identifica e os explora por meio de instrumentos ricos, discursiva e poeticamente, para ajudar a arquitetar a música de Nação Zumbi. Esse ecossistema diverso e caótico é a fonte da qual ambos retiram essa gama de sentidos.

A riqueza cultural, alicerce da ideologia manguebit, encontra uma de suas manifestações mais icônicas na obra de Chico Science e Nação Zumbi. Nela, vê-se claramente o atravessamento de diferentes formas estéticas da cultura popular que, relacionadas harmonicamente, ajudam a dar vazão a uma estética planejada e almejada pela cena musical recifense: a variedade artístico-expressiva como força motora e foco dessa construção, em que esta variedade se traduz em conteúdo.

Bakhtin considera que “uma música sem conteúdo, enquanto material organizado, seria nada mais que um estimulante físico do estado psicofisiológico do prazer.” (2010, p. 21). Convergindo com Bakhtin, para o Manguebit, e para a Nação Zumbi, essa variedade interestética pode e deve ser invasiva; ela incentiva as suas incorporações e “visa o conteúdo” (BAKHTIN, 2011, p. 177). Sua orientação é prioritariamente musical e direcionada axiologicamente a uma nova identidade estética para um determinado conteúdo:

O conteúdo representa o momento constitutivo indispensável do objeto estético, ao qual é correlativa a forma estética que, fora dessa relação, em geral, não tem nenhum significado. (BAKHTIN, 2010, p. 35)

A palavra, material também precioso para Science, complementa esse conteúdo, “momento indispensável no objeto artístico” (BAKHTIN, 2014, p. 21), dando e ele um sentido literal e poético, e que, manipulado axiologicamente, é construído ideológica e esteticamente a serviço de um discurso sólido e rico, em que os Homens-caranguejo se tornam parte fundamental dessa construção. Mas esse conteúdo só é alcançado por meio de uma forma. O autor, senhor do momento axiológico, encontra-se “[...] no momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem, e percebemo-lhe a presença acima de tudo na forma.” (BAKHTIN, 2003, p. 403).

A música – linguagem predominante em Science & Nação – é o elemento orientador dessa aglutinação interestética manifestada em *Da lama ao caos*. Sua composição arquitetônica serve a um propósito sonoro universalizante, dinâmico e pulsante, que procura manifestar o caráter diversificado das expressões culturais do povo. A escolha de Science pela composição métrico-musical de formas poéticas como o RAP acentua e aproxima seu conteúdo da parcela moderna das expressões musicais, como o Rock ou Hip hop, ao mesmo tempo em que as influências tradicionais como o Coco, o Samba, o Repente e o Maracatu são harmonizadas criteriosamente. Seu ritmo, em certo grau, mimetiza essa dinâmica do mundo moderno, linguística e musicalmente, incorporada e diversificada, em forma e conteúdo:

O ritmo pode ser compreendido de uma maneira ou de outra, isto é, como forma arquitetônica ou como forma composicional: como forma de ordenação do material sonoro, empiricamente percebido, audível e cognoscível, o ritmo é composicional; controlado emocionalmente, relativo ao valor da aspiração e da tensão interiores que ele realiza, o ritmo é arquitetônico. (BAKHTIN, 2010, p. 24)

Cumprido destacar que as dicotomias de Science são construídas sistematicamente dentro de sua poética e servem a uma intenção interdiscursiva, em que são retomadas, ou convidadas, outras vozes. Para falar sobre política, sociedade e miséria, Science dialoga com essas vozes, ele as relembra e as consulta, tornando-as suas semelhantes.

Para o Manguêbit, a pluralidade artística é preciosa à nossa realidade social e cultural. Não são fragmentos, mas partes de um todo. O ambiente urbano da cidade é rico e diverso, e é representativo. De acordo com sua tradição, toda e qualquer forma de expressão cultural popular, sejam elas tradicionais ou modernas, integram um conjunto de variadas formas, e devem ser incorporadas e harmonizadas. Uma vez significada no mundo ético nordestino – e é através de uma forma que essa expressão transmite o seu conteúdo – uma “forma artística é a forma de um conteúdo, mas inteiramente realizada no material, como que ligada a ele.” (BAKHTIN, 2010, p. 57).

Os recursos que a natureza oferece para o nosso sustento e também nossa luta diária para os obter são incorporados e encarados por Science como campo fértil para a elaboração de seu mundo antitético e crítico. Dada a sua variedade, o cantor articula sua mimese à proposta por Castro: a denúncia e a exposição do desequilíbrio social, que se tornou parte de nossa realidade urbana, ainda vigente nos tempos atuais. Historicamente, tais problemas se provam pertinentes e, ao insistir em integrar nossa realidade social, acabam por ajudar a compor as expressões de nossa arte. O alimento como ideia inconsciente e objeto da necessidade física, também se torna obsessão não apenas da população carente, mas também das mentes criadoras do mundo da cultura.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* / Mikhail Bakhtin. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. "O autor e a personagem". *In: Estética da criação verbal*. São Paulo. Martins Fontes- 2011. p. 03-186.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. "Observações sobre a epistemologia das ciências humanas". *In: Estética da criação verbal*. São Paulo. Martins Fontes- 2003. p. 399-414.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. "O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária". *In: Questões de literatura e de estética*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 13-57.

BARBOSA, Wanderley; CRISPIM, Sérgio F. As Teorias do Caos e da Complexidade na Gestão Estratégica. Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia-SEGeT, 2006.

CASTRO, Josué de. "Prefácio um tanto gordo para um romance um tanto magro". *In: Homens e caranguejos*. 12 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

GLEICK, James. *Caos: a criação de uma nova ciência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SCIENCE, Chico. "A cidade". *In: CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. Da lama ao caos*. Rio de Janeiro: Sony-BMG Music Entertainment, 1994, FAIXA 3.

SCIENCE, Chico. "Da lama ao caos". *In: CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. Da lama ao caos*. Rio de Janeiro: Sony-BMG Music Entertainment, 1994, FAIXA 6.

Recebido em: 30/06/2021

Aceito em: 03/11/2021

Referência eletrônica: FEITOSA, George Antonio Correia. MARTINS, Edson Soares. Fome, lama e caos: a presença dos homens-caranguejo no estuário poético de Chico Science & Nação Zumbi. *Criação & Crítica*, n. 31, p., dez. 2021. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.